



**Trabalho de Conclusão de Curso**  
**Curso de Relações Internacionais**  
**TCC em Formato de Artigo Científico Conforme Definido Pelo Regulamento de**  
**TCC**  
**Projeto Pedagógico de Curso do Curso de Relações Internacionais em**  
**Cumprimento das DCNs do Curso de Relações Internacionais (MEC/CNE)**

**Título do Trabalho:** O papel do Canadá nas missões de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas no pós Guerra Fria

**Nome do(a) Estudante:** Danton Victor Souza Soares

**Nome do(a) Orientador(a):** Acácio Augusto Sebastião Júnior

**Ano de Depósito:** 2021

## **RESUMO**

Esse trabalho sistematiza a importância do papel do Canadá nas missões de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas. Desde a primeira força de manutenção da paz da ONU (1956), que foi proposta pelo então Ministro das Relações Exteriores canadense, até 2021. Este recorte temporal abrange o período pós Guerra Fria ao atual declínio das contribuições canadenses. Busca-se, primeiramente, compreender o que é a manutenção da paz com suas ramificações e conceitos. Em seguida, apresenta-se a importância do Canadá para as missões de manutenção de paz da ONU e o porquê do seu declínio nos anos 1990. Por fim, analisam-se as esperanças para o futuro e como a opinião pública canadense se porta perante essas missões.

## **PALAVRAS CHAVE**

Missões de paz; Canadá; Peacekeeping; Organização das Nações Unidas; Mito Canadense; Pós Guerra Fria.

## 1. INTRODUÇÃO

Há uma grande escassez de estudos de segurança internacional voltados ao Canadá no Brasil. Geralmente temos inúmeras pesquisas sobre os Estados Unidos e sobre a América Latina, mas o Canadá acaba ficando marginalizado dentro das Américas em estudos de Relações Internacionais. Além disso, há uma exiguidade de pesquisas sobre o papel do Canadá nas missões de paz da ONU e análises de seu recente declínio nas últimas 3 décadas, não só no Brasil como internacionalmente, salvo os estudos da academia canadense. A presente análise visa contribuir para o preenchimento dessa lacuna.

O Canadá se mostrou como um dos principais parceiros da Organização das Nações Unidas (ONU) desde a criação da organização, que se deu após o fim da Segunda Guerra Mundial, especialmente naquilo que tange à manutenção da paz. Desde 1949, quando as operações de paz da ONU não passavam de missões de observação, o Canadá tem um envolvimento pujante neste processo, tomando a vanguarda.

Em 1956, o então Ministro das Relações Exteriores canadense, Lester B. Pearson (que posteriormente se tornaria primeiro ministro do Canadá) propôs a primeira força de manutenção da paz, que moldaria as missões de paz como as conhecemos hoje e renderia a ele um prêmio Nobel da Paz em 1957.

Durante anos, o país ocupou a primeira posição no ranking oficial de contribuintes de pessoal uniformizado para as operações de manutenção da paz da ONU. Nas últimas 3 décadas o Canadá passou do 1º para o 81º lugar neste mesmo ranking.

Esse estudo suscita um debate significativo ao analisar a relevância de um país tão grande quanto o Canadá, e tão envolvido em questões humanitárias, na ONU e, mais especificamente, em suas missões de paz, mensurando a qualidade dessa relevância, de 1956 até 2021, focando no período pós Guerra Fria e indagando: O Canadá ainda possui alguma relevância para as missões de manutenção da paz da ONU?

Esse artigo é composto por 5 seções, sendo elas: “O que são missões de manutenção da paz?”, que trata da significância das operações de paz, seu diferentes tipos e sua importância dentro da ONU; “Canadá como um Prestativo Resolvedor De Problemas (1956-1988)”, que analisa o papel do Canadá no processo de manutenção da paz da ONU, desde 1956, quando a primeira força de manutenção da paz foi proposta pelo então ministro das relações exteriores canadense, até o fim da Guerra Fria em 1988; “Papel do Canadá em missões de paz no pós Guerra Fria (1988 - 2021)”, que investiga o papel do Canadá nas operações de paz da ONU após 1988, ao findar a Guerra Fria, expondo seu declínio em 1996

e o completo afundamento em 2006, e como a participação canadense se mantém nessas operações até os dias de hoje (2021); “Opinião Pública canadense sobre missões de manutenção da paz”, que aborda a o papel da Opinião Pública canadense no processo de manutenção da paz e sua influência nas decisões de política externa do governo canadense naquilo que tange às operações de paz; e, por fim, “Prognóstico para o futuro”, que pondera os caminhos que serão tomados daqui para a frente pelo Canadá e como o país se portará perante as operações de manutenção da paz da ONU, baseado na pesquisa feita e na opinião dos autores consultados.

Quanto à metodologia utilizada para a análise teórica da atuação do Canadá nas missões de paz da ONU, foi feito um estudo qualitativo com dados secundários sobre o tema, como artigos e livros, com a finalidade de tentar entender o seu papel e sua relevância, aplicando-se o método hipotético-dedutivo; dados primários quantitativos também foram analisados, tais como documentos, cifras e tabelas oficiais da Organização das Nações Unidas e do próprio governo do Canadá, que mostram o número de contribuições de pessoal e a contribuição monetária canadense para com a ONU, para que fosse possível mensurar tal importância.

Então o objetivo geral da presente pesquisa explicativa é avaliar qual foi o papel do Canadá nas missões de paz da ONU entre 1988 e 2021. Para tanto foram delineados os seguintes objetivos específicos: entender o que são as chamadas missões de paz da ONU; analisar a atuação do Canadá nas missões de paz da ONU entre 1956 e 2021; e estudar os motivos de seu declínio a partir de 1996. Para a estruturação de tal estudo, será utilizado o plano histórico, baseado principalmente na investigação bibliográfica, enriquecida pela investigação documental.

Parte-se da hipótese de que o papel do Canadá nas missões de paz da ONU está diminuindo gradativamente ao longo dos anos. O mesmo se mostrava extremamente presente nas primeiras missões, atuando muitas vezes em posição de vanguarda. Contudo sua participação vem decrescendo constantemente, e com isso também o número de tropas canadenses enviadas para essas missões de paz, principalmente no século XXI, onde essa participação é irrisória.

Ao final, conclui-se que os objetivos foram atendidos e a pergunta resta respondida com a confirmação da hipótese, indicando que se faz necessário o reengajamento do Canadá nas operações de manutenção da paz da ONU, a fim de voltar ao seu patamar de principal mantenedor da paz, mas isso se prova um grande desafio por diversos motivos.

## 2. O QUE SÃO MISSÕES DE MANUTENÇÃO DA PAZ?

O que são as chamadas missões de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) e suas ramificações? O termo “missões de paz” ainda é um conceito controverso que não alcançou aceitação ou consenso entre os teóricos e os mais diversos governantes. Para este estudo, utiliza-se o conceito de operações ou missões de paz encontrado na definição proposta por M. A. Rudderham (2008):

“O termo refere-se a todas as operações ordenadas pelo conselho de segurança da ONU, abrangendo operações que participam de todas as partes do espectro do conflito (por exemplo, operações de *peacemaking*, *peacekeeping*, *peace enforcement* e *peacebuilding* — promoção da paz, manutenção da paz, imposição da paz e operações de construção da paz, respectivamente), incluindo missões políticas (por exemplo, UNAMA — Missão de Assistência das Nações Unidas no Afeganistão) e missões de administração transitória (por exemplo, UNMIK — Missão de Administração Interina das Nações Unidas no Kosovo).” (RUDDERHAM, 2008, p. 360, tradução própria)

A “Manutenção da paz” (ou *peacekeeping* em inglês) consiste na intervenção em uma área de instabilidade pós conflito, com a função de facilitar a trajetória daquela área de volta à paz. (UNITED NATIONS, [s.d.]

Esse mecanismo é tido como uma das ferramentas mais eficazes e poderosas da ONU na promoção e manutenção da paz e segurança internacional (UNITED NATIONS, 2018), por desalentar os conflitos e proteger os civis. Por mais que essas missões não tenham sido mencionadas na Carta de São Francisco de 1945, fica evidente nesta carta que a ONU foi estabelecida para proteger as gerações futuras dos suplícios acarretados pela guerra.

O documento de princípios e diretrizes para missões de paz da ONU (UNITED NATIONS, 2008) pontua que:

“A Organização das Nações Unidas foi fundada para salvar as gerações vindouras dos flagelos da guerra e um de seus principais propósitos é manter a paz e a segurança internacionais. A manutenção da paz (*peacekeeping*), embora não tenha sido explicitamente mencionada na Carta das Nações Unidas de 1945, acabou por se tornar uma das principais ferramentas utilizadas pela ONU para alcançar este propósito.” (UNITED NATIONS, 2008, p. 13, tradução própria)

A Carta das Nações Unidas dá ao Conselho de Segurança responsabilidade primária para a manutenção da paz e segurança internacional, e, para tanto, esse conselho poderia adotar uma variedade de medidas, incluindo o estabelecimento de Missões de manutenção da paz. As bases legais para tais ações podem ser encontradas nos Capítulos VI, VII e VIII da Carta das Nações Unidas de 1945.

“Enquanto o Capítulo VI lida com “*Pacific Settlement of Disputes*” (Resolução Pacífica de Disputas), o Capítulo VII contém provisões relacionadas a “*Action with Respect to the Peace, Breaches of the Peace and Acts of Aggression*” (Ação com Respeito à Paz, Violações da Paz e Atos de Agressão). O Capítulo VIII da Carta

fornece bases para o envolvimento de acordos regionais e agências na manutenção da paz e segurança internacional, contanto que tais atividades sejam consistentes com os propósitos e princípios expostos no Capítulo I da Carta.” (UNITED NATIONS, 2008, p. 13, tradução própria)

As missões de manutenção da paz se mostram arduas e desafiadoras. Por definição, elas tendem a ir aos ambientes mais árduos, tanto física quanto politicamente, e, portanto, o sucesso das mesmas nunca é garantido (UNITED NATIONS, 2008). Mas os objetivos de estabilização alcançados através de tais missões se sobrepõem às instabilidades. Essas missões tiveram uma excelente recepção e auxiliaram a conter e prevenir guerras que poderiam tomar proporções desmedidas. Esse papel fundamental as levou a ganhar um Prêmio Nobel da Paz em 1988.

“As forças mantenedoras da paz das Nações Unidas têm, sob condições extremamente arduas, contribuído para reduzir as tensões onde um armistício estava sendo negociado, mas um acordo de paz teria ainda de ser estabelecido. Em situações desse tipo, as forças da ONU representam um manifesto das vontades da comunidade de nações para alcançar a paz por meio de negociações, e as forças têm, por sua presença, feito uma contribuição decisiva em prol da iniciação de negociações de paz de verdade.” (THE NOBEL PRIZE, 1988)

*Peacekeepers* (ou agentes mantenedores da paz) são, em sua maioria, militares armados, mas também podem ser policiais e até mesmo civis. A Manutenção da paz apresenta forças únicas, incluindo legitimidade (por mais que haja controvérsias sobre a legitimidade de tal ferramenta), divisão de responsabilidades e capacidade de enviar e sustentar tropas e policiais de todo o mundo, integrando-os com forças de manutenção da paz civis para promover mandatos multidimensionais.

É importante fazer uma desambiguação quanto às terminologias referentes àquilo que se tem como manutenção da paz, ou *peacekeeping*. A Manutenção da paz está dentro a gama de atividades empreendidas pelas Nações Unidas para conservar a paz e segurança internacional. As outras atividades desta natureza são: Prevenção de conflitos e mediação; *peacemaking*; *peace enforcement*; e *peacebuilding*. Essas atividades raramente ocorrem de forma isolada, mas sim de maneira simultânea.

A Prevenção de conflitos envolve medidas diplomáticas para prevenir que disputas e tensões internas e externas se agravem, para que não se tornem conflitos violentos.

*Peacemaking* (promoção da paz) geralmente inclui medidas para lidar com conflitos em andamento e envolve uma ação diplomática para levar as partes conflitantes a negociar um acordo.

*Peace Enforcement* (imposição da paz) consiste na aplicação de uma série de medidas coercitivas, incluindo o uso de força militar para impor a paz. Ela requer a autorização

explícita do Conselho de Segurança e é usada em situações de ameaça à paz, violação da paz ou ato de agressão quando não há alternativa.

*Peacebuilding* (construção da paz) visa reduzir o risco da reincidência de conflitos, reforçando as capacidades estatais em diversos níveis (para a gestão de conflitos) e estabelecendo as bases para a paz e o desenvolvimento. Esse é um processo complexo e demorado que busca aumentar a efetividade do Estado.

*Peacebuilding* (construção da paz) abrange uma gama extremamente diversa de atividades, que vão desde desarmamento, desmobilização, e reintegração de combatentes à boa governança e fortalecimento das instituições ao policiamento comunitário. De fato, *peacebuilding* tornou-se um termo genérico para descrever a diplomacia preventiva, o desenvolvimento preventivo, a prevenção de conflitos, a resolução de conflitos e a reconstrução pós-conflito. (RUDDERHAM, 2008, p. 363, tradução própria)

As linhas divisórias entre a prevenção de conflitos, *peacemaking*, manutenção da paz, *peacebuilding* e *peace enforcement* tem se tornado cada vez mais tênues e as missões de paz das Nações Unidas raramente são limitadas a uma dessas atividades. Embora essas missões sejam implantadas para apoiar a execução de um acordo de paz ou um cessar-fogo, elas frequentemente têm que desempenhar um papel ativo de *peacemaking*, podendo também estar envolvidas em atividades iniciais de *peacebuilding*.

Há ainda, segundo Walter Dorn (2007), 4 categorias distintas nas quais as missões de manutenção da paz podem ser classificadas: Missões de observação (*Observer Missions*), Forças inter-posicionais (*Inter-positional Forces*), Operações multidimensionais (*Multidimensional Operations*) e Administrações transicionais (*Transitional Administrations*).

Missões de observação tem como objetivo determinar se as partes, antes em conflito, estão respeitando os acordos de cessar fogo ou de paz e assistir em solução de controvérsias locais. Essas missões são realizadas através do monitoramento, seja a pé, com veículos patrulheiros, postos de observação, postos de controle (*checkpoint*), etc. Elas fazem uso, principalmente, de Observadores Militares das Nações Unidas (United Nations Military Observers – UNMOs). Exemplos dessas missões que contaram com a participação canadense são: UNTSO (Palestina – 1948 – ainda ativa), UNMOGIP (Caxemira – Índia e Paquistão – entre 1949 e 1971), UNOGIL (Líbano – 1958), UNYOM (Iêmen – entre 1963 e 1964), DOMREP (República Dominicana – entre 1965 e 1966), UNIPOM (Índia-Paquistão – entre 1965 e 1966), UNIIMOG (Irã-Iraque – entre 1988 e 1991), UNGOMAP (Afeganistão/Paquistão – entre 1988 e 1990), ONUCA (América Central – Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua – entre 1989 e 1992), UNAVEM III (Angola – entre 1995 e 1997), MINURSO (Saara Ocidental – 1991), UNAMIC (Camboja – entre 1991 e

1992), UNOMIG (Geórgia/Abecásia – entre 1994 e 2009), UNOMUR (Uganda-Ruanda – entre 1993 e 1994), ONUSAL (El Salvador – entre 1991 e 1995), UNASOG (Chade – 1994), UNMOT (Tajiquistão – entre 1994 e 2000), UNMOP (Prevlaka/Croácia – entre 1996 e 2002), MINUGUA (Guatemala – 1997), MONUA (Angola – entre 1997 e 1999) e MONUC (República Democrática do Congo – entre 1999 e 2010).

Forças inter-posicionais tem como objetivo prevenir, cessar ou conter o combate entre partes distintas. São realizadas através do posicionamento de tropas de manutenção da paz, em sua maioria batalhões, entre as partes em conflito, utilizando patrulhas, postos de controle (*checkpoints*) móveis ou fixos, buscas, escoltas e demonstrações da presença e força da ONU. Exemplos dessas missões que contaram com a participação canadense são: UNEF I (Egito – entre 1956 e 1967), UNFICYP (Chipre – 1964 – ainda ativa), UNEF II (Egito – entre 1973 e 1979), UNDOF (Síria – 1974 – ainda ativa), UNIFIL (Líbano – 1978 – ainda ativa), UNIKOM (Iraque/Kuwait – entre 1991 e 2003), UNPREDEP (Macedônia – entre 1995 e 1999) e UNMEE (Etiópia/Eritreia – entre 2000 e 2008).

Operações multidimensionais visam supervisionar ou prestar assistência na implementação de um acordo de paz complexo (que pode envolver desarmamento, desmobilização e reintegração de ex-combatentes, assistência humanitária, assistência eleitoral, direitos humanos, polícia civil, remoção de minas, etc.) e proteger as populações vulneráveis. Seu funcionamento mistura os dois tipos de missão anteriores, incluindo toda a sua metodologia e meios, com a adição de alguns pontos chave, como: a proteção de civis e áreas de assembleia, armazenamento e destruição de armas rendidas ou entregues, escoltas e proteção de pessoas chave e instalações importantes, supervisão de forças policiais e outras partes do setor de segurança, etc; comboios de ajuda humanitária, limpeza de estradas, planos de evacuação para pessoas em situação de vulnerabilidade, segurança de territórios e locais específicos. Esse tipo de missões faz uso de militares, policiais civis e pessoal civil. Exemplos dessas missões que contaram com a participação canadense são: ONUC (República Democrática do Congo – entre 1960 e 1964), UNTAG (Namíbia – entre 1989 e 1990), UNPROFOR (Bósnia, Croácia – entre 1992 e 1995), UNTAC (Camboja – entre 1992 e 1993), UNOSOM I (entre 1992 e 1993) e II (Somália – entre 1993 e 1995), ONUMOZ (Moçambique – entre 1992 e 1994), UNMIH (Haiti – entre 1993 e 1996), UNAMIR (Ruanda – entre 1993 e 1996), UNAVEM III (Angola – entre 1995 e 1997), UNMIBH (Bósnia – entre 1995 e 2002), UNSMIH (entre 1996 e 1997) / UNTMIH (1997) / MIPONUH (entre 1997 e 2000) / MINUSTAH (Haiti – entre 2004 e 2017), MINURCA (República Centro-Africana – entre

1998 e 2000), UNAMSIL (Serra Leoa – 1999 e 2005), UNAMA (Afeganistão – entre 2002 e 2021) e UNMISSET (Timor-Leste – entre 2002 e 2005).

Por fim, as “Administrações Transicionais” têm por objetivo governar um território durante a transição de um país ou território de volta à independência e auto-governança. São missões abrangentes e compreensivas que cingem todos os aspectos da sociedade (desde a parte militar, jurídica, de educação até mesmo saneamento). As administrações transicionais utilizam soldados, policiais e civis de todos os tipos e profissões. Exemplos dessas missões que contaram com a participação canadense incluem: UNTEA (Papua Ocidental – entre 1962 e 1963), UNSF (Papua Ocidental – entre 1962 e 1963), UNMIK (Kosovo – 1999 – ainda ativa de jure, mas inativa de facto), UNTAET (Timor-Leste – entre 1999 e 2002).

As operações de manutenção da paz multidimensionais de hoje são chamadas não apenas para manter a paz e a segurança, mas também para facilitar o processo político, proteger os civis, ajudar no desarmamento, desmobilização e reintegração de ex-combatentes; apoiar a organização de eleições, proteger e promover os direitos humanos e ajudar a restaurar o estado de direito. (UNITED NATIONS, [s.d.]) As operações de manutenção da paz da ONU podem usar a força para defender civis, seu mandato, ou a si mesma, mas somente em situações em que o Estado é incapaz de fornecer segurança e manter a ordem pública.

Além da ONU, outras organizações paralelas também executam missões de manutenção da paz, como por exemplo a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que tem contado com grande colaboração e numerosas contribuições por parte do Canadá (RUDDERHAM, 2008).

As missões de paz da ONU buscam mediar, gerenciar e intervir em conflitos, mas acabam por substituir o modelo de guerra tradicional como a conhecemos, e essas forças acabam se tornando uma espécie de polícia do mundo, por estarem incumbidas de monitorar os países e intervir em conflitos, podendo punir certos países por determinadas práticas e podendo se utilizar da força para tal.

Ao entendermos o que são as missões de manutenção da paz e sua significação dentro da ONU através dos dados e argumentações expostos nesta seção, passemos a estudar o papel do Canadá para essas operações e o peso de sua participação nas mesmas na próxima seção.

### **3. CANADÁ COMO UM PRESTATIVO RESOLVEDOR DE PROBLEMAS (1956-1988)**

Antes de tratarmos de fato do período pós-Guerra Fria, é necessário que se trace um histórico da participação canadense nas missões de manutenção de paz da ONU, para que se entenda com mais propriedade a gravidade das recentes alterações.

As missões de paz da ONU se iniciaram, como o próprio nome aponta, para manter a paz internacional, recém adquirida após a Segunda Guerra Mundial, através de missões de observação desarmadas, em 1949. Desde o começo, o Canadá se apontava como grande aliado da ONU e pioneiro em suas missões de manutenção da paz, por mais que o termo “manutenção da paz” (*peacekeeping*) não tenha aparecido no vocabulário comum até o final dos anos 1950.

O Canadá tem um histórico de liderança nas missões de manutenção da paz da ONU, e um papel fundamental em meio a Organização como um todo. O primeiro Observador Militar Chefe da ONU, brigadeiro Harry Angle, no Grupo de Observadores Militares das Nações Unidas para Índia e Paquistão (UNMOGIP), e o primeiro comandante da força, major-general Eedson Louis Millard Burns da UNEF I eram canadenses. O Canadá também participou do Conselho de Segurança da ONU, desde a fundação da organização, como um dos membros não-permanentes do Conselho com mais presença neste órgão.

A primeira força de manutenção da paz da ONU a utilizar forças armadas foi proposta pelo então Ministro das Relações Exteriores canadense, Lester B. Pearson, junto ao secretário-geral da época, Dag Hammarskjöld, em 1956, resultando na criação da Primeira Força de Emergência das Nações Unidas (UNEF I), a qual desempenhou papel fundamental na resolução da Crise de Suez, no Egito, evitando uma possível Guerra global. A iniciativa de Pearson acabou por lhe render um Prêmio Nobel da Paz, em 1957, e em 1963 ele foi eleito como primeiro ministro canadense.

O Canadá tem uma importância pujante na missão UNEF I, contribuindo com batalhões inteiros durante toda sua duração. A relevância canadense perdurou por 50 anos (de 1956 a 2006) no processo de manutenção da paz. O Canadá se apresentava como um dos principais parceiros da ONU, naquilo que tange às missões de manutenção da paz, desde sua criação, e mandando constantemente suas tropas para essas missões. O país também ajudou a criar a Força das Nações Unidas para Manutenção da Paz no Chipre (UNFICYP), na qual o Canadá contribuiu com grandes batalhões por cerca de 30 anos (1964-1993).

O nome desta seção alude à "prestativo resolvedor de problemas" (*helpful fixer*), que é um conceito proposto por Gregory Paul Brown (1981), definido por ele como um termo usado para "descrever um Estado que está ativamente preparado para encontrar um meio de conter ou resolver crises internacionais" (BROWN, 1981, p.3, tradução própria). Brown aponta que esse termo descreve a política internacional de inúmeros governos canadenses, desde o fundamento das missões de manutenção de paz da ONU até o governo de Pierre Elliott Trudeau (1968 - 1979, 1980 - 1984), pai do atual primeiro ministro canadense. Durante este último é possível observar a política internacional canadense como extremamente engajada em resolver problemas de cunho internacional, ajudar cidadãos em situação de vulnerabilidade e manter a recém firmada paz mundial, após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial.

"O papel crucial desempenhado por Lester Pearson no encerramento da Crise de Suez em 1956, seguido de inúmeros outros papéis de um prestativo resolvedor de problemas, foi muito importante para estabelecer firmemente a percepção entre os observadores canadenses e estrangeiros de que o governo canadense buscou ativamente maneiras de reduzir as tensões internacionais. A imagem assim criada serviu para influenciar os julgamentos de valor dos sucessivos governos canadenses." (BROWN, 1981, p.3, tradução própria)

O estabelecimento da Força das Nações Unidas de Observação da Separação (UNDOF), em 1974, denotou o final de um período dinâmico para as missões de paz da ONU, marcado pelo estabelecimento de várias missões e um engajamento internacional. A partir de então, seguiu-se um calmo período para as missões de manutenção da paz, onde apenas uma nova missão foi estabelecida entre 1975 e o final da Guerra Fria (em 1988), no Líbano (permeada por uma miríade de vicissitudes), ainda que as missões que já estavam em operação tenham sido mantidas. (DORN; PAUK, 2012)

"Esta reticência se devia, em parte, não somente às dificuldades financeiras e à recusa de alguns Estados-membros de pagar seus devidos honorários, mas também a um desencantamento emanado da percepção dos limites das operações de paz e do fato de que algumas missões não haviam atingido as expectativas iniciais da ONU." (DORN; PAUK, 2012, p. 138)

Compreendendo a importância pujante que o Canadá teve nas missões de manutenção da paz da ONU desde sua criação em 1956 até o fim do embate entre Estados Unidos e a antiga União Soviética, em 1988 (DORN; PAUK, 2012), é possível mensurar o impacto e o peso da queda das contribuições canadenses no pós Guerra Fria, mais especificamente após os anos 1990. Trataremos então desta problemática com mais propriedade na próxima seção.

#### **4. PAPEL DO CANADÁ EM MISSÕES DE PAZ NO PÓS GUERRA FRIA (1988 - 2021)**

O final da Guerra Fria trouxe consigo uma mudança drástica na maneira como conflitos ocorriam ao redor do mundo. Com o fim do conflito bipolar, e, com isso, o fim da grande dicotomia ideológica entre os dois pólos, o mundo mudou.

Antes da Guerra Fria, os conflitos eram, em sua esmagadora maioria, conflitos inter-estatais. M. A. Rudderham (2008) aponta que, após a Guerra Fria, começaram a surgir muito mais conflitos intra-estatais de larga escala e os conflitos inter-estatais diminuíram exponencialmente. “Os principais conflitos em todo o mundo não foram resultado de rivalidades da Guerra Fria, mas de governança deficiente, abusos dos direitos humanos e disparidades econômicas.” (RUDDERHAM, 2008, p. 363, tradução própria). Os conflitos inter-estatais de fato existiam antes e durante a guerra fria, mas não eram tomados como casos de importância internacional, eram tidos como problema e jurisdição do país no qual o conflito ocorria e, portanto, eram ignorados ou menosprezados pela ONU. A organização só atua se os países que a compõe estão dispostos para tal. Neste sentido, as intervenções da ONU são decididas na medida em que exista vontade política, recursos, e tropas para isso. Após o fim da Guerra Fria a ONU começou a dar mais valor para tais conflitos e prestar atenção neles como problemas de âmbito internacional, apontando para uma complexa alteração no panorama da organização e dos países membros.

Essa alteração nos tipos de conflito também acarretou uma significativa mudança nas missões de manutenção da paz e como eram desempenhadas. A simples alocação de forças de manutenção da paz em uma zona de conflito não era mais suficiente para suprimir a violência ali engendrada, se as forças em questão fossem mais fracas que as partes conflitantes. (DORN; PAUK, 2012)

Em 1992, o então subsecretário geral canadense para a manutenção da paz, Marrack Goulding, pontuou, durante um testemunho, sete principais mudanças das missões de paz observadas no pós-Guerra Fria:

- “1. Novas operações geralmente têm um grande componente civil;
2. Elas frequentemente, envolvem eleições - sua organização e conduta;
3. Elas geralmente envolvem um importante componente de informação, especialmente no que diz respeito às instituições democráticas;
4. Elas frequentemente envolvem um componente policial;
5. Elas frequentemente, envolvem uma dimensão de direitos humanos, indo além da supervisão da polícia, intrometendo-se profundamente nos sistemas judiciário e penal;

6. Elas são limitadas pelo tempo - a maioria das novas operações tem um cronograma de implementação, o que tem sido bom para os países que contribuem com tropas; e

7. Na maioria das vezes, as novas operações estão lidando com conflitos internos” (GOULDING, 1993 apud JOCKEL, 1994, p. 3, tradução própria)

O sétimo ponto é tomado como o mais importante e aquilo que caracteriza a manutenção da paz moderna. Antes, a manutenção da paz se debruçava sobre conflitos interestatais, procurando manter a paz entre os Estados conflitantes. Após a Guerra Fria, a manutenção da paz passa a focar principalmente em conflitos intraestatais, o que acaba gerando um debate interessante sobre o papel de organizações internacionais perante a soberania estatal e se caberia às mesmas interferir nesta última.

Os pontos 4 e 5 também merecem destaque, pois apontam para uma policialização das forças armadas de todo o mundo, ao contrário daquilo que apontam algumas hipóteses contemporâneas, que abordam a militarização das forças policiais. Isso mostra como as mudanças da forma e do volume de participação do Canadá nas Missões de Paz podem servir como via para se compreender uma mudança no próprio instrumento da ONU, visto que há transformações nas formas das intervenções humanitárias a partir do fim da Guerra Fria.

Com o fim do embate entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética, a ONU, seu conselho de segurança e suas forças de manutenção da paz acabaram por se tornar a “polícia do mundo”, buscando deter atividades criminosas de escala internacional e solucionar conflitos baseando-se nos princípios dos Direitos Humanos. As operações de manutenção da paz, ainda que sejam compostas por exércitos nacionais diversos e possam ser lideradas por um país específico, em sua essência são operações de cunho policial.

Essa policialização também é demonstrada pelo aumento das contribuições policiais pelo Canadá e a queda das contribuições militares, que será discutido posteriormente nesta seção.

As mudanças na manutenção da paz internacional, acarretadas pelo fim da Guerra Fria, e a mudança naquilo que era considerado jurisdição da ONU, ultrapassaram a capacidade comum de as definir. O próprio termo “manutenção da paz” não possui mais uma clareza em seu significado como antes. Os agentes mantenedores da paz, incluindo os canadenses, passam a servir onde não há de fato uma paz completa a se manter. Por esse motivo, alguns autores, como Joseph T. Jockel (1994) pontuam que o entendimento daquilo que seria *peacekeeping* ou manutenção da paz foi alterado de tal maneira que talvez uma outra terminologia, como *trucekeeping*, ou manutenção da trégua, seria mais aplicável àquilo que temos hoje, já que os princípios básicos de tais missões foram rompidos. Esses princípios

incluem o consentimento dos ex-beligerantes, tanto para uma trégua quanto para a presença de forças de manutenção da paz externas para monitorar essa trégua; e a imparcialidade dos mantenedores da paz, incluindo o não uso da força, exceto em legítima defesa. As missões de manutenção da paz se apresentavam como missões empreendidas pela ONU para ajudar a manter ou restaurar a paz e a segurança internacionais em áreas de conflito. Essas operações se tornaram muito mais complexas com a ascensão da violência internacional e dos conflitos interestatais, forçando a ONU a adotar diferentes abordagens, sob a égide do conceito de manutenção da paz. (JOCKEL, 1994)

O Canadá foi o único país a contribuir com todas as missões de manutenção da paz da ONU durante a Guerra Fria, com contribuições de aproximadamente 1.000 agentes por ano, em média, no decorrer de 40 anos. O país se manteve como o principal contribuinte da ONU em missões de manutenção da paz até o início dos anos 1990. (DORN, 2021)

Durante a década de 1980, o número de militares canadenses em missões de manutenção da paz foi em média de 1.643, com o governo canadense esperando nunca despender mais de 2.000 militares. Porém, no final de 1992 mais de 4.000 agentes se encontravam em serviço. Isto significa que, apesar de seu pequeno tamanho geral, as Forças Armadas canadenses estavam fornecendo mais de 10 por cento de todas as forças de paz da ONU. Dentre os principais países do mundo, as contribuições do Canadá foram proporcionalmente maiores na época, considerando o tamanho de sua população. (JOCKEL, 1994)

O calmo período nas missões de paz da ONU, mencionado no fim da seção anterior, que havia sido iniciado em 1974, teve fim junto à conclusão da Guerra Fria, em 1988, com a criação de três novas missões, indicando o início de um ressurgimento das operações de paz da organização. Entre 1989 e 1991, houve a criação de mais oito missões, com mandatos e responsabilidades avultados, ampliando o número total de novas missões desse período para onze. O Canadá participou de todas estas operações, exceto da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola I (Unavem I), apesar de ter participado de sua sucessora, Unavem II, o que permitiu ao país continuar dizendo que o Canadá participou de todas as missões de paz da ONU até meados dos anos 1990. As missões iniciadas em 1988, ainda que tivessem funções relevantes, eram todas missões de observação. (DORN; PAUK, 2012) Este período marcou o início de um avivamento das missões de paz da ONU. Mas também foi na década de 1990 que as contribuições canadenses para tais missões decaíram imensamente.

No final da Guerra Fria, pareceu por um tempo para muitos canadenses que uma “era de ouro” de contribuições canadenses para a paz e segurança internacionais poderia estar

prestes a começar. A Organização das Nações Unidas (ONU), representava um fórum no qual o Canadá geralmente se sentia confortável e no qual há muito tempo era especialmente ativo. Acreditava-se, portanto, que ela estaria livre da paralisia de longa data causada pela competição Leste-Oeste e poderia recorrer à promoção da segurança regional. (JOCKEL, 1994)

O fim da Guerra Fria também marca o começo da utilização de contingente policial canadense para as missões de manutenção da paz da ONU. O Grupo de Assistência das Nações Unidas para o Período de Transição (UNTAG) foi a primeira missão de paz para a qual o Canadá mandou seus policiais, a Real Polícia Montada do Canadá (*Royal Canadian Mounted Police – RCMP*), que hoje são mandados em maior número que as tropas militares.

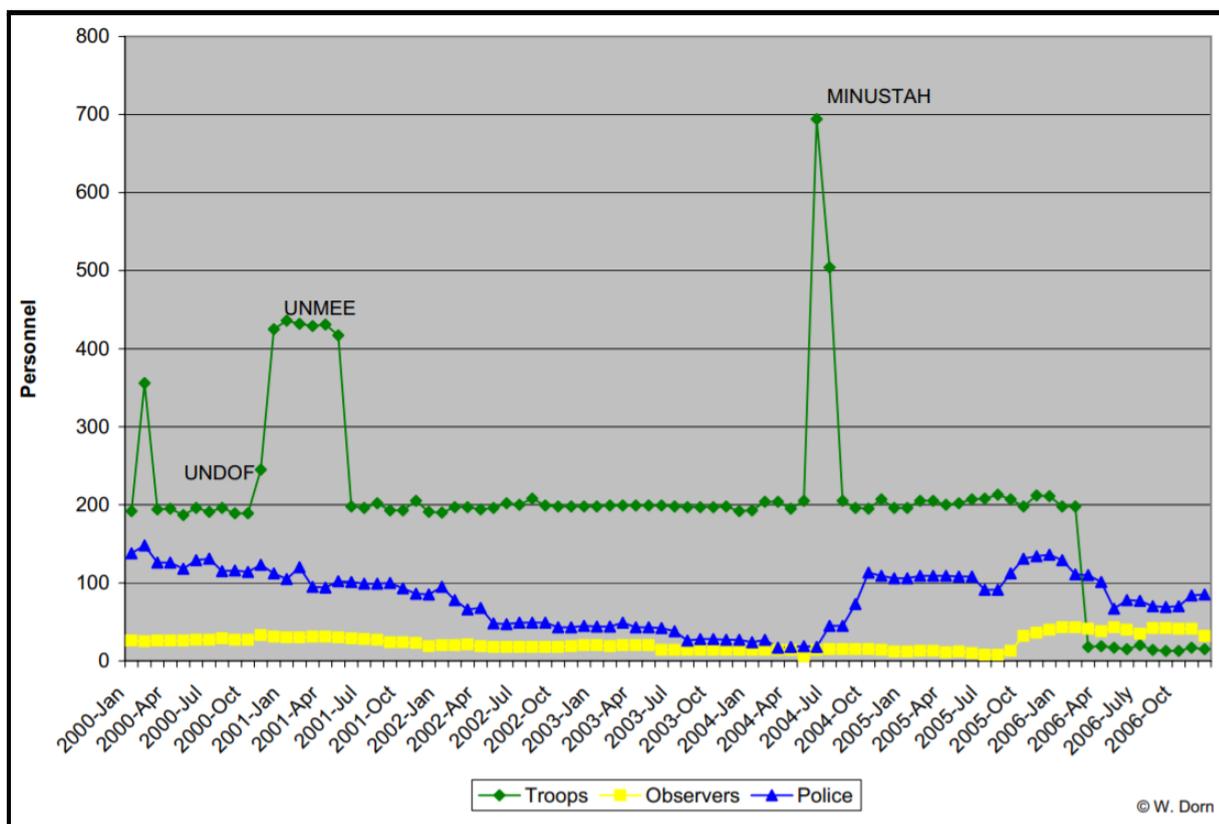
Uma vez fornecedor de aproximadamente 3.300 soldados mantenedores da paz, o Canadá atualmente contribui com apenas 28 soldados e especialistas militares. (UNITED NATIONS, 2021) Este número é extremamente baixo e pouco representativo de um país que cunhou a imagem de principal *peacekeeper*. “Desde 2006, a contribuição policial do Canadá tem superado suas contribuições militares, alcançando hoje [em 2012] o número de 180 homens e mulheres.” (DORN; PAUK, 2012, p. 154)

O que é curioso, já que o número de policiais no Canadá é muito menor que o número de membros de suas forças armadas. São mais de 19.000 policiais membros da RCMP (ROYAL CANADIAN MOUNTED POLICE, 2021), contra 68.000 membros das Forças Armadas Canadenses (*Canadian Armed Forces – CAF*), que irão subir logo para 71,500, sem contar as forças de reserva. (GOVERNMENT OF CANADA, 2021).

Esse cenário sofreu uma breve alteração recentemente, já que em 2019 e em 2020 as contribuições militares superaram o número de policiais enviados às operações de paz. (UNITED NATIONS, 2021) A razão para tal fenômeno em 2019 foi a grande quantidade de militares que foram enviados para a MINUSMA, em Mali. Em 2021, o cenário já se altera novamente, e temos até o momento uma maior contribuição de policiais do que de militares, mesmo que seja em uma proporção de aproximadamente 48% policiais para 52% militares, colocando as duas categorias quase no mesmo patamar.

A partir do gráfico abaixo (Gráfico 1), é possível notar quando a troca entre contribuições militares para contribuições majoritariamente policiais ocorreu. Esse fenômeno sucedeu-se em 2006, quando Stephen Harper subiu ao poder como primeiro ministro e, devido aos seus ideais conservadores, decidiu minimizar as contribuições militares para com as missões de paz da ONU.

Gráfico 1 - Pessoal uniformizado canadense (Tropas, Observadores e Policiais – 2000 - 2006)

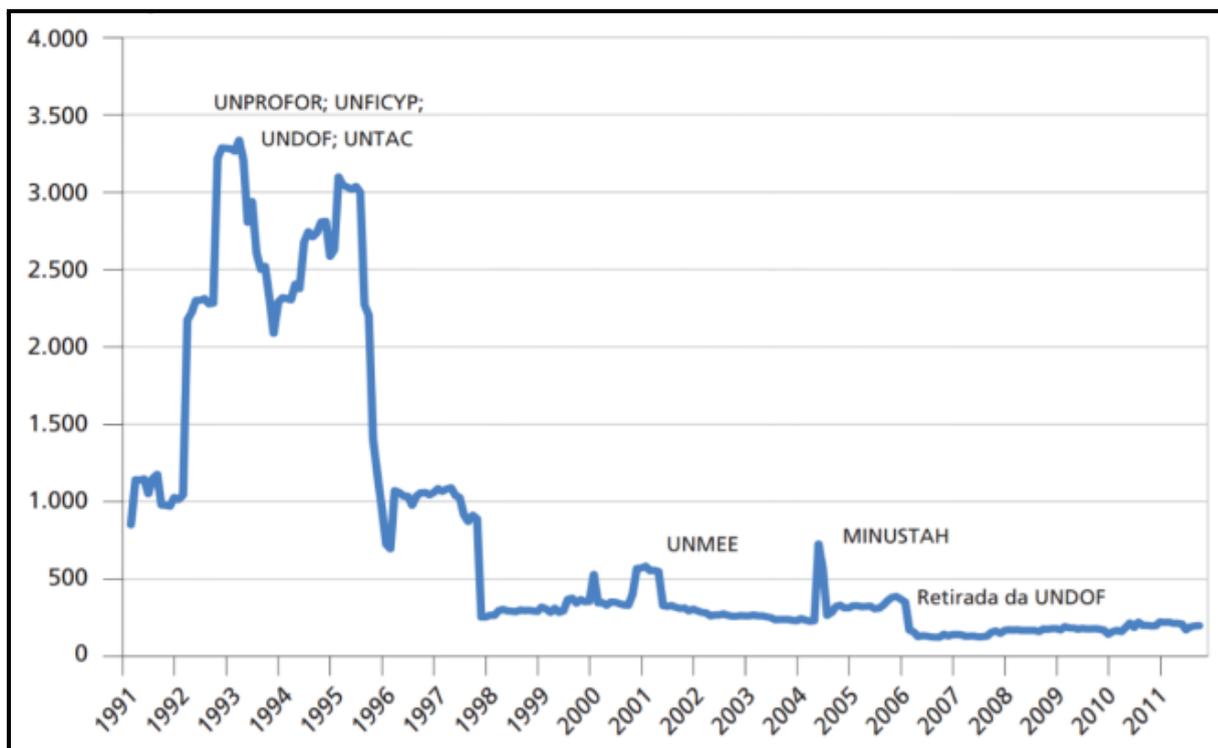


Fonte: Walter Dorn (2007).

O Canadá foi, em 1993, bem como durante toda a Guerra Fria, o principal contribuinte para as forças de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas. Em 1993, o Canadá tinha 3300 agentes uniformizados em missões da ONU, incluindo na Bósnia, Camboja, Moçambique e Somália (DORN, 2021). No entanto, neste exato intervalo de tempo o Canadá compartilhou com a ONU alguns dos piores retrocessos e catástrofes de toda a história da organização e do país. “Parte do desafio era como ajustar o conceito de manutenção da paz tradicional, de forma que este se tornasse aplicável ao contexto dos efetivos militares dos países contribuintes e dos novos e mais brutais ambientes de guerras civis.” (DORN; PAUK, 2012, p. 142)

A partir do fim do século XX e início do século XXI, houve um aumento expressivo no número de missões de paz da ONU, enquanto ao mesmo tempo é possível notar uma queda expressiva do contingente militar e policial canadense enviado a essas missões, como mostra o gráfico abaixo (Gráfico 2):

Gráfico 2 - Tamanho do contingente canadense – militar e policial – desdobrado nas operações de paz da ONU



Fonte: Walter Dorn; Robert Pauk (2012).

A partir do Gráfico 2, podemos perceber que, no governo de Jean Chrétien, que foi primeiro ministro canadense entre 1993 e 2003, as contribuições para com as missões de paz da ONU sofreram um declínio massivo. Antes, mantendo um patamar de contribuição de mais de 1000 pessoas ao mês, após o fim da Guerra Fria, e chegando a mais de 3000 pessoas por mês entre 1993 e 1995. Após 1996 as contribuições mensais iniciaram a declinar e após 1998 chegaram a patamares de menos de 500 pessoas. Durante o governo de Paul Martin, primeiro ministro canadense somente entre 2003 e 2006, houve uma continuidade da política de seu antecessor no número de contribuições para operações de paz, vindo um pequeno aumento no final de seu mandato (quando uma moção de desconfiança o fez perder o seu cargo de primeiro ministro). Com a vinda da administração de Stephen Harper, primeiro ministro canadense de 2006 a 2015, as contribuições caíram a níveis ainda mais baixos, numa progressão de queda que se mantém até a atualidade (como é possível observar posteriormente nesta seção, no Gráfico 2).

Antigamente, os países desenvolvidos e os países mais ricos eram aqueles que mais contribuíam com as missões de paz lideradas pela Organização das Nações Unidas, incluindo o Canadá. À partir da Guerra Fria essa situação mudou. Esses países começaram a restringir

seus exércitos a contingentes muito menores e com soldados especializados, tendo foco em conflitos de alta intensidade tecnologicamente avançados. (RUDDERHAM, 2008)

Os países desenvolvidos (aqueles que fazem parte da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE), que antes contribuíam com cerca de 80% das tropas da ONU nas décadas de 1970 e 1980, passaram a cerca de 50% no início dos anos 1990 e apenas 10% no início do século XXI. (DORN, 2007)

A redução de suas tropas acarretou com que os países desenvolvidos ficassem cada vez menos dispostos a abrir mão de seus soldados para contribuir com missões de manutenção de paz da ONU. Atualmente os maiores contribuintes com missões de paz da ONU são os países em desenvolvimento, sendo os dez maiores contribuintes em abril de 2021, em ordem crescente: Bangladesh, Etiópia, Nepal, Ruanda, Índia, Paquistão, Egito, Indonésia, China e Gana. (UNITED NATIONS, 2021)

Bangladesh teve uma contribuição de 6626 indivíduos, contra meras 58 pessoas enviadas pelo Canadá, que ficou em número 69 no ranking, e 30 pelos Estados Unidos, que ocupa a posição 83 no ranking oficial da ONU.

Para os países em desenvolvimento, contribuir com missões de manutenção da paz lideradas pela ONU representa uma oportunidade para se fazer dinheiro, e também é uma questão de orgulho nacional. Isso se dá principalmente porque a ONU contribui com uma taxa fixa por pessoa. Essa taxa, em 2008, segundo Rudderham (2008) era de 1.028 dólares americanos por membro de contingente. Atualmente, desde 1 de julho de 2019, essa quantia equivale a 1.428 dólares americanos por soldado mensalmente. Os civis e policiais, por outro lado, não têm um salário fixo definido pela ONU, eles são pagos baseado nos orçamentos de manutenção da paz estabelecidos para cada operação. (UNITED NATIONS, 2021). Esses valores não são suficientes para cobrir os custos e despesas necessários para o envio de pessoal qualificado para missões de manutenção da paz por países desenvolvidos, como o Canadá. Mas, para os países em desenvolvimento, como suas moedas são mais fracas, esse valor se torna muito dinheiro. E esse dinheiro é mandado para os Estados, e não diretamente para os soldados, o que se mostra um atrativo para os países em desenvolvimento. Esta transposição é um dos motivos pelos quais as contribuições canadenses têm declinado nos últimos 25 anos.

Nas últimas 3 décadas o Canadá passou do 1º para o 81º lugar no ranking oficial da ONU de contribuintes de pessoal uniformizado para as operações de manutenção da paz. Em março de 1992, os agentes mantenedores da paz do Canadá somavam um total de 1.043, mais do que qualquer outro país. Em setembro de 2017, o Canadá classificou-se em 71º na lista de

contribuintes de operações de paz, fornecendo 68 agentes, o menor número desde 1990. (CINQ-MARS, 2017)

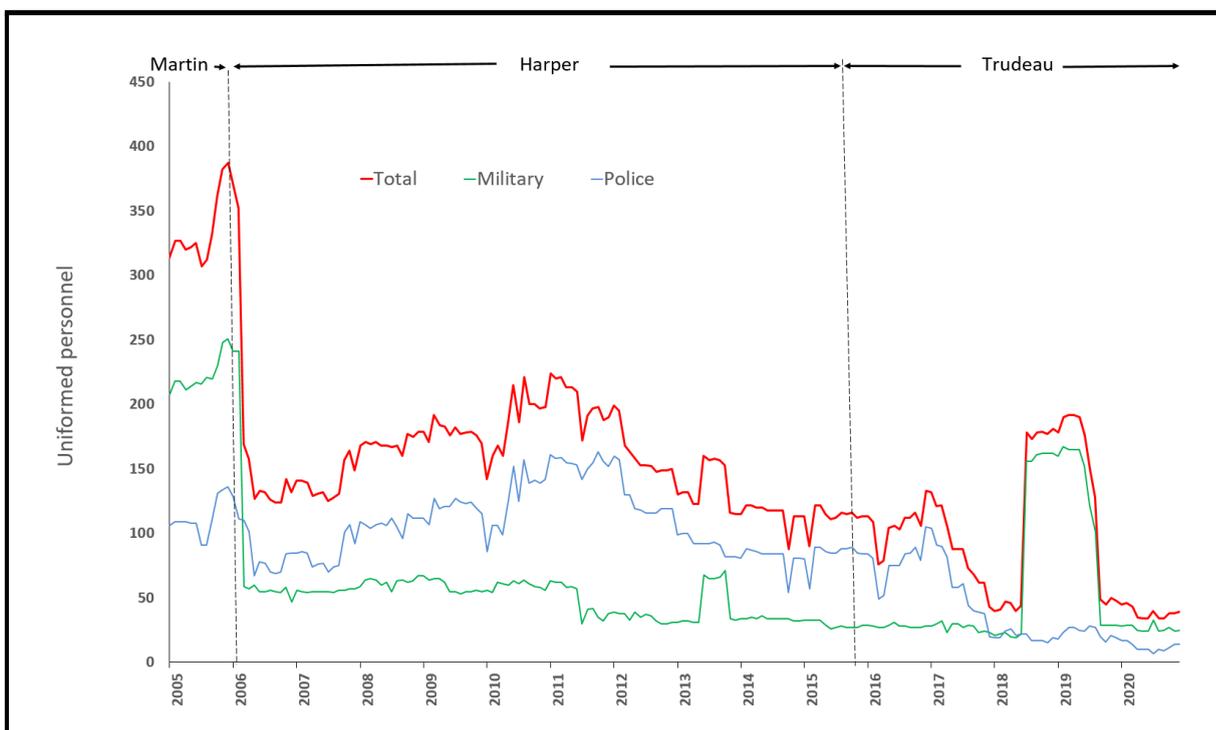
Atualmente (Abril 2021), o Canadá encontra-se ranqueado na 69ª posição, e alcançou o ranking histórico mais baixo em Maio de 2020, ficando em 81ª posição, com apenas 34 contribuições. (UNITED NATIONS, 2021)

Desde 2000, os destacamentos canadenses para as operações de paz da ONU têm sido, em sua maioria, quantias relativamente pequenas para uma ampla gama de missões. Desde 2005, as contribuições do Canadá para as operações de paz da ONU têm sido principalmente de policiais individuais (*Individual Police Officers – IPOs*) e têm visto um declínio acentuado. (CINQ-MARS, 2017)

É possível explicar o declínio colossal de contribuições canadenses de pessoal uniformizado para a ONU em 2020, após o que parecia ser um grande avanço em 2018, principalmente devido a retirada das tropas canadenses de Mali em 2019, sem mesmo esperar que o próximo país (Romania) assumisse os postos (DORN, 2021) e também devido a apreensão do país quanto a pandemia de SARS-COV-2.

A figura a seguir (Gráfico 3) representa as contribuições canadenses de pessoal uniformizado para missões de manutenção da paz da ONU por mês, de 2005 a dezembro de 2020, mostrando também o governo que estava no poder na época. A linha vermelha indica o número total de contribuições, a linha verde indica as contribuições de militares e a linha azul indica as contribuições policiais.

Gráfico 3 - Contribuições canadenses para operações de paz da ONU (2005 - 2020)



Fonte: Walter Dorn (2021).

Por esse gráfico podemos ver a nova queda massiva de contribuições durante o governo de Stephen Harper, que Justin Trudeau tanto criticava antes de se tornar primeiro ministro, e vemos também como a progressão de queda continuou ainda mais acentuada no governo de Justin Trudeau, até que, em 2018 houve uma ascensão grande das contribuições canadenses, por conta do grande número de tropas enviado a Mali (MINUSMA). Essa ascensão fez com que os canadenses acreditassem que esse fenômeno apontava para a retomada do Canadá de seu papel de mantenedor da paz que nutria antes da Guerra Fria, mas, com a retirada das tropas de Mali em 2019, as contribuições decaíram novamente e viram-se no seu nível mais baixo em 2020.

Durante os 50 anos, entre 1956 e 2006, o Canadá sempre manteve pelo menos 200 oficiais uniformizados nas operações de paz, e a média para o período foi de cerca de 1.000 pessoas por ano. Em março de 2006, logo após o governo Harper chegar ao poder, a contribuição canadense com as missões de manutenção de paz da ONU caíram para apenas 120 oficiais uniformizados. (DORN, 2021) Isso se deu principalmente pela retirada dos soldados das Colinas de Golã, depois de 32 anos de serviço na missão UNDOF. “O Governo do Canadá havia conduzido uma revisão abrangente de suas operações no exterior e decidiu reduzir sua participação assim que uma nação substituta adequada pudesse ser encontrada.”

(NATIONAL DEFENCE, 2019, tradução própria) As tropas do país foram então substituídas por tropas da Índia.

O anúncio do Primeiro Ministro Justin Trudeau, no começo de seu primeiro mandato, em agosto de 2016, que o Canadá iria prover 600 militares e 150 policiais para a ONU marcou o primeiro passo na reversão de 25 anos de declínio em contribuições com missões de paz (CINQ-MARS, 2017). Mas, como mostra Walter Dorn (2021), essa promessa acabou nunca se tornando realidade. Não só isso, mas durante o mandato de Justin Trudeau, o Canadá alcançou o nível mais baixo de contribuições de tropas para missões de paz da ONU. Mais baixo até mesmo que no governo antecessor de Stephen Harper, que Trudeau tanto criticava por esse mesmo motivo.

Grandes promessas foram feitas pelo governo canadense na Reunião Ministerial de Manutenção da Paz em Londres, no Reino Unido, no dia 8 de setembro de 2016 e na Reunião Ministerial de Manutenção da Paz em Vancouver, no dia 15 de novembro de 2017. (CINQ-MARS, 2017). Essas promessas incluíam: aumentar o número de mulheres e sua participação nas missões de paz (Iniciativa Elsie); a contribuição de policiais e até 600 militares para as missões de paz; suporte de transporte aéreo tático; fornecimento de Força-Tarefa de Aviação; fornecimento de Força de reação rápida; a examinação de possíveis novas missões policiais; e treinamento inovador, a fim de atender as necessidades sistêmicas da ONU. (GOVERNMENT OF CANADA, 2017)

Na campanha eleitoral de 2019, o governo Trudeau prometeu um reengajamento nas missões de manutenção da paz da ONU. A mesma promessa que já havia sido realizada na eleição anterior. Após a eleição, não percebemos alteração na progressão de queda das contribuições canadenses, pelo contrário, em junho de 2020, o Canadá alcançou sua posição mais baixa no ranking oficial de principais contribuintes da ONU, ficando em 80º lugar, com apenas 34 contribuições.

A contribuição de mulheres para as operações de paz também diminuiu bastante. No final de Abril de 2021, o governo de Trudeau colaborou com apenas 14 mulheres agentes da manutenção da paz. Mesmo com suas promessas, o total ainda é significativamente menor que o governo anterior de Stephen Harper proveu no final de seu mandato, 21 mulheres. (UNITED NATIONS, 2021)

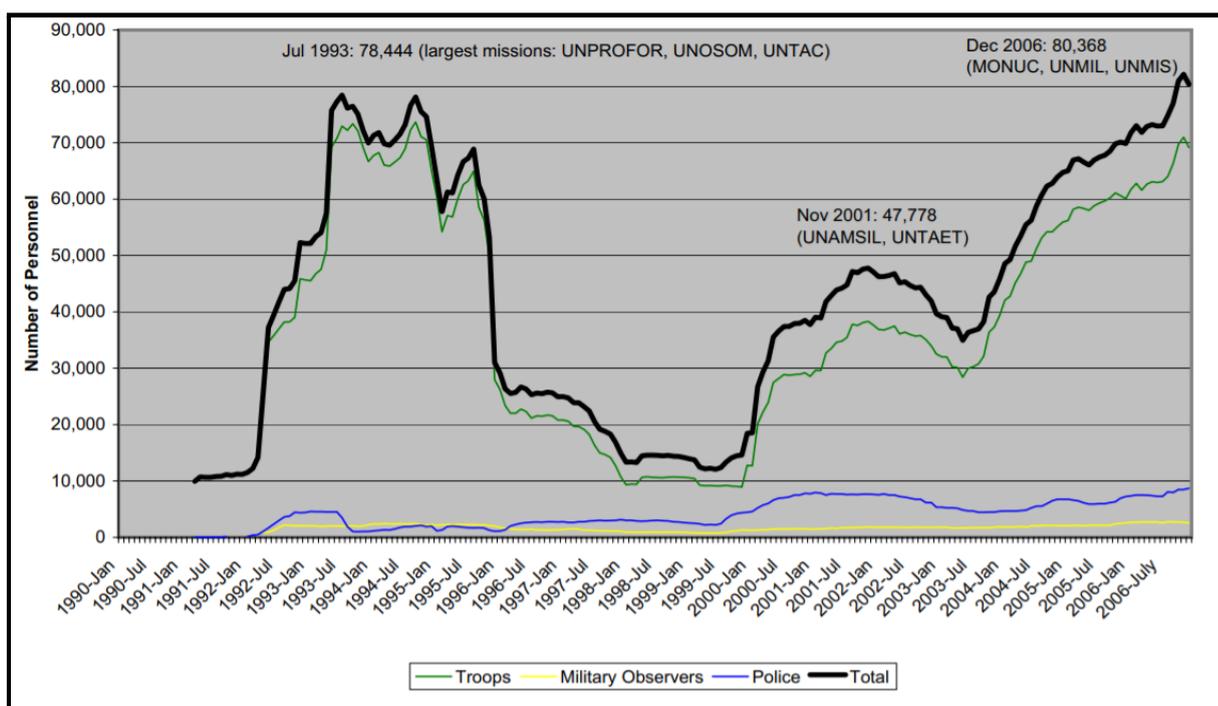
Críticos ao governo canadense argumentam que o salto exponencial nas contribuições entre 2018 e 2019, consistiu em uma estratégia para melhorar a imagem do governo, já que a opinião pública do Canadá atribui grande importância à manutenção da paz, apontando para uma falta de real interesse do governo tanto em Mali, como na manutenção da paz como um

todo. (BERTHIAUME, 2017) Observa-se que esse salto nas contribuições ocorreu coincidentemente no período próximo às eleições presidenciais canadenses.

É interessante observar através do gráfico abaixo (Gráfico 4) que, por mais que as contribuições canadenses de agentes mantenedores da paz tenham diminuído entre o fim do século XX e início do século XXI, o número total de agentes enviados para tais missões globalmente tem aumentado exponencialmente.

“Desde 2000, as forças da ONU experimentaram dois surtos dramáticos, como mostrado [no Gráfico 4]. O primeiro pico, em novembro de 2001, foi devido principalmente às missões grandes e bem-sucedidas em Serra Leoa (UNAMSIL) e Timor Leste (UNTAET) e o segundo pico, em novembro de 2006, era devido principalmente a fortes demandas por tropas no Congo (MONUC), Libéria (UNMIL), UNMIS (Sul do Sudão) e Líbano (UNIFIL). A ONU agora implanta mais soldados para o campo do que qualquer outra entidade no mundo, exceto o governo dos EUA.” (DORN, 2007, p.8, tradução própria)

Gráfico 4 - Agentes mantenedores da paz da ONU (1991 - 2006)



Fonte: Walter Dorn (2007).

Atualmente (2021), a ONU conta com 90.000 agentes mantenedores da paz em campo, espalhados por 12 missões diferentes ao redor do mundo. (UNITED NATIONS, [s.d.]

A força de contribuição canadense não se encontra em números, mas sim na qualidade e no preparo de suas tropas. O Canadá nutre uma tradição de fazer contribuições qualitativas para atender as progressivas demandas da ONU. (RUDDERHAM, 2008)

Por mais que as contribuições canadenses, por vezes desde o estabelecimento das missões de paz da Organização das Nações Unidas, não tenham sido tão numerosas, tiveram papéis fundamentais para o sucesso dessas missões.

Temos como exemplo a provisão de Dallaire de uma liderança real no solo, sua pressão para o aumento das forças da ONU, e sua contínua assistência ajudando a espalhar consciência sobre o genocídio, após o ocorrido. (RUDDERHAM, 2008)

Por outro lado, por mais que as contribuições de contingenciais canadenses estejam em queda exponencial, seu legado nas missões de manutenção da paz da ONU ainda se mantém de alguns modos, principalmente através de investimentos financeiros. Seus investimentos aumentaram surpreendentemente ao longo dos anos, se mantendo entre os dez maiores financiadores dessas missões. Isso partiu de uma exigência da própria Organização das Nações Unidas, tendo em vista o tamanho de seu PIB. (DORN; PAUK, 2012)

Apesar das contribuições míguas de pessoal para as missões de paz da ONU, o Canadá tem, desde 2000, fornecido aproximadamente 2.8% das contribuições monetárias de manutenção de paz da ONU avaliadas de acordo com a escala de distribuição da ONU, classificando-o entre os 10 maiores contribuintes financeiros para as operações de paz da ONU (CINQ-MARS, 2017). Atualmente o Canadá ocupa a nona posição no ranking oficial de contribuintes financeiros para as operações de paz da ONU (UNITED NATIONS, 2021). O país também desempenha um importante papel político na sede da ONU em Nova York, servindo como vice-presidente da Comissão Especial sobre Operações de Paz da Assembleia Geral da ONU, também conhecida como C34. (CINQ-MARS, 2017).

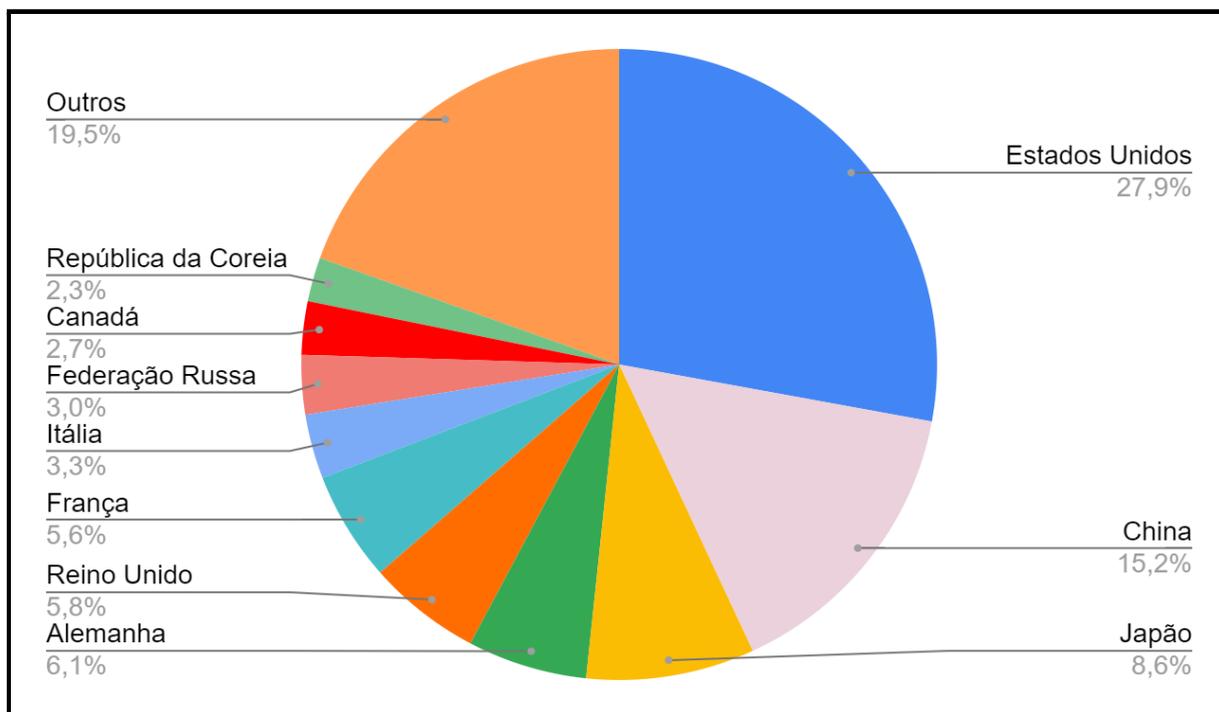
O Canadá tem, por décadas, pago suas dívidas com a ONU em dia, por completo e sem condições adicionais, ao contrário de países como os Estados Unidos, que falha em cumprir suas obrigações nesses três aspectos. (JOCKEL, 1994) O país raramente perde os prazos para o pagamento de suas taxas obrigatórias da ONU, que acontecem em Janeiro e incluem suas contribuições para com as missões de manutenção da paz.

A taxa de contribuição financeira é calculada pela ONU baseada na Renda Nacional Bruta – que é calculada ao somar o Produto Interno Bruto (PIB) com todos os rendimentos líquidos de um país durante o ano – e em quanto cada país tem a capacidade de pagar, ao contrário de outras organizações como a OTAN, em que cada país geralmente paga por seus próprios custos.

O gráfico abaixo (Gráfico 5) representa os principais contribuintes financeiros da ONU atualmente, com o Canadá em vermelho, representando 2,73% de todo o financiamento

das missões de manutenção da paz da organização, o que coloca o Canadá como o 9º maior contribuinte financeiro da ONU para essas missões.

Gráfico 5 - Os 10 maiores contribuintes financeiros para missões de paz da ONU



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)<sup>1</sup>.

Mesmo com as trocas de governo e as diferenças ideológicas entre os dois partidos canadenses (Liberal e Conservador), o Canadá manteve sua consistência financeira em apoio à ONU por muitas décadas. Também é importante pontuar que o Canadá contribuiu com helicópteros avançados para a missão da ONU em Mali (MINUSMA), em 2018 e 2019, quase de graça, recebendo apenas 1 dólar por ano, enquanto mandava 250 agentes mantenedores da paz para essa missão, sendo que aproximadamente 100 desses soldados não foram pagos pela ONU, e sim pelo próprio Canadá. Por mais que o Canadá não tenha segurado sua posição e esperado para que o próximo contingente chegasse ao país, vindo da Romênia, o país se provou bem generoso nessa missão. (DORN, 2021)

O Canadá não só faz sua parte como contribuinte financeiro para a manutenção da paz da ONU, mas também é líder na doação de fundos voluntários extra-orçamentários para essas operações, somando um valor de aproximadamente 12 milhões de dólares por ano no total.

<sup>1</sup> Baseado nas informações contidas no site oficial da ONU: UNITED NATIONS. **How we are funded.** United Nations Peacekeeping. Disponível em: <<https://peacekeeping.un.org/en/how-we-are-funded>>. Acesso em: 19 Jul. 2021.

(DORN, 2021). O país apoiou e ainda apoia vários projetos importantes, incluindo o estabelecimento de um Centro de Operações Conjuntas de treinamento (*Joint Operations Centre – JOC*), a doação de meio milhão de dólares americanos para Entebbe, Uganda, para permitir que indivíduos treinem seguindo os procedimentos da ONU, e a instituição do programa de consciência situacional chamado "UniteAware", que foi iniciado na missão MINUSCA (República Centro-Africana – 2014), mas deverá ser implantado em outras missões em breve.

Vale destacar que o Canadá também participou de uma série de grandes operações militares multinacionais desde 2001, e capacitou nações parceiras e organizações regionais, através de contribuições de pessoal e equipamento bélico. O país foi um dos principais contribuintes para a Força Internacional de Assistência e Segurança liderada pela OTAN, sob mandato da ONU, no Afeganistão, rotacionando um total de 40.000 soldados durante seus doze anos de operações no país, entre 2001 e 2014. Em 2011, na Líbia, justo ao Conselho de Segurança da ONU, instaurou e liderou a operação MOBILE e participou da Operação *Unified Protector* (Protetor Unificado), comandada e liderada pela OTAN.

Também é preciso ressaltar que, por mais que as contribuições de pessoal para as missões de manutenção de paz da ONU tenham diminuído exponencialmente, o Canadá ainda contribui com Organizações paralelas, principalmente a OTAN. Essa ascensão das contribuições para com a OTAN é fundamental para explicar o declínio da presença do Canadá nas missões de manutenção da paz da ONU. O país passou a redirecionar suas tropas para as intervenções sob mandato da OTAN.

A contribuição canadense com a paz internacional ainda continua alta. Por mais que as contribuições para missões de paz da ONU tenham diminuído, as contribuições com a OTAN tem aumentado, endossadas por uma Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas (RUDDERHAM, 2008). O Canadá participou de todas as missões da OTAN, desde a criação da aliança e, nos últimos anos, o país tem financiado aproximadamente 5,9% de todo o orçamento da OTAN. (GRANATSTEIN, 2021)

Por mais que a maioria das missões da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) sejam mandadas pela ONU, elas não são sinônimas com missões lideradas pela ONU. Contribuir com uma organização abstraindo-se da outra pode levar a sérias consequências políticas. Somente 173 oficiais, dos quais a maioria eram policiais, foram destacados para operações de paz da ONU em outubro de 2007 pelo Canadá, enquanto no mesmo período foram enviados 2774 soldados canadenses para operações da OTAN no Afeganistão. (RUDDERHAM, 2008)

Todos os dados desta seção foram apresentados para ilustrar a queda do apoio canadense para com as missões de manutenção de paz da ONU, naquilo que tange às contribuições de pessoal, no período pós Guerra Fria (1988 a 2021), explorando mais o início de seu declínio em 1996, no governo de Jean Chrétien, e a segunda queda ocorrida em 2006, com o governo de Stephen Harper.

Por outro lado, é possível perceber que, por mais que as contribuições de agentes canadenses para com as missões de paz da ONU tenham diminuído, as contribuições financeiras para esse fim continuam altas. O Canadá continua a contribuir com aproximadamente 2,73% do montante financeiro da ONU para operações de paz. Não só isso, mas o Canadá também é líder em contribuições voluntárias para essas operações, despendendo em torno de 12 milhões sem qualquer retorno.

É possível perceber também que, ao mesmo tempo que as contribuições para com as operações de paz da ONU têm diminuído drasticamente, as contribuições para com a OTAN, tanto financeiramente quanto de pessoal, ainda são bem altas.

Passemos agora na próxima seção a avaliar o papel da Opinião Pública canadense sobre a manutenção da paz para o país e analisar sua influência na política externa do Canadá.

## 5. OPINIÃO PÚBLICA CANADENSE SOBRE MISSÕES DE MANUTENÇÃO DA PAZ

Um aspecto muito importante da trajetória de manutenção da paz do Canadá que tende a ser negligenciado é a opinião pública do país sobre missões de manutenção da paz da ONU e seu papel na dissuasão do governo canadense em prol dessas missões ao longo dos anos.

A visão realista Estado-centrista tem, há muito tempo, perpetuado a ideia de que, em uma democracia, a opinião pública representa uma limitação na condução de uma política internacional ou de defesa racional. (MARTIN; FORTMANN,1995)

No universo da política internacional, tem-se a noção pré-concebida de que a opinião pública não tem real valor, pois é tida como notoriamente instável, volátil e incoerente e, portanto, não poderia servir como base para uma política internacional estável. Pierre Martin e Michel Fortmann (1995) desafiam essa concepção, mostrando que a opinião pública canadense, naquilo que tange missões de paz da ONU, não só é extremamente coerente, como também apresenta pouquíssima volatilidade ao longo dos anos e teve certo impacto na política externa do Canadá.

“Levar a sério a opinião pública é desafiar a noção convencional de que as opiniões do público sobre a política externa podem ser descartadas como incoerentes e irrelevantes.” (MARTIN; FORTMANN,1995, p. 371, tradução própria).

O simbolismo da manutenção da paz é muito presente na sociedade canadense: Até a mudança das cédulas de dinheiro de papel para plástico, a cédula de 10 dólares canadenses continha uma oficial da manutenção da paz no centro, com sua boina azul e binóculos; há um dia dos mantenedores da paz (*National Peacekeeper's Day*) no dia 9 de Agosto para relembrar e homenagear os veteranos canadenses de atividades militares de manutenção da paz; o país possui um monumento em homenagem aos agentes de manutenção da paz na sua capital, Ottawa; até mesmo comerciais de cerveja já fizeram menção à manutenção da paz; e a sociedade canadense como um todo ainda nutre muito respeito e orgulho por seu papel nas missões de paz da ONU. (CAROLL, 2016)

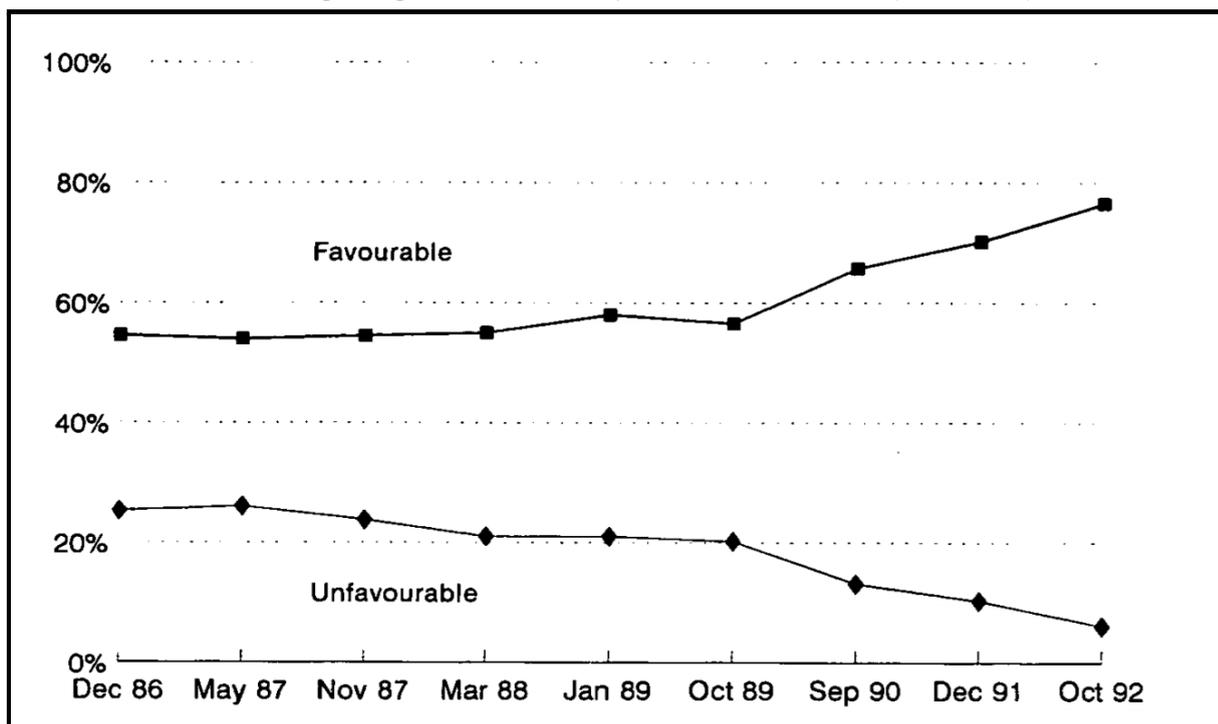
“Pesquisas de opinião pública mostram que os canadenses veem as operações de paz como a mais importante contribuição do Canadá para o mundo. O governo não tem acompanhado o parecer do seu próprio povo nem a percepção do Canadá na comunidade internacional.” (DORN; PAUK, 2012).

Os canadenses veem seu papel nos assuntos mundiais como o de um líder na manutenção da paz. Isso se deve muito ao “Mito Canadense”. O chamado “Mito Canadense”

(*Canadian Myth*) ou “Mito da Manutenção da Paz” (*Peacekeeping Myth*) é um conceito que aponta para o fato da opinião pública canadense ter uma autoimagem fantasiosa do país, acreditando, ainda nos dias de hoje, que o mesmo se configura como o maior mantenedor da paz e aliado da ONU, mesmo que essa relevância canadense tenha visto um grande declínio desde 2006. A crença neste mito tem grande influência no porquê a opinião pública tende a ser tão positiva e até mesmo encorajadora nas questões de manutenção da paz. (DORN, 2007) Por exemplo, em 2012, a pesquisa anual “*Focus Canada*”, do Instituto Environics, pediu ao público canadense que mencionasse a contribuição mais positiva que o Canadá, como país, faz para o mundo. A manutenção da paz foi a resposta de 20% dos canadenses. (POCUCH, 2019) A explicação para essa dissonância cognitiva entre as percepções e a realidade, segundo Sedrik Pocuch (2019) é que muitos canadenses não são bem informados sobre o assunto.

As forças militares canadenses são vistas com bons olhos pela Opinião Pública canadense devido a sua participação nas missões de paz da ONU, bem como a memória histórica de seu papel nas duas guerras mundiais. (MARTIN; FORTMANN, 1995). O país conta até mesmo com um feriado no dia 11 de novembro (Dia da lembrança – *Remembrance day*) para lembrar e prestar homenagem aos sacrifícios engendrados pelos membros das forças armadas canadenses nas duas guerras mundiais. O apoio às forças armadas pela opinião pública canadense, que já era forte por conta de sua participação nas guerras, só cresceu com seu engajamento nas operações de paz da ONU, como é possível observar abaixo, no Gráfico 6. Após o fim da Guerra Fria, com o aumento do engajamento da CAF nas operações de paz, o apoio da opinião pública deu um enorme salto.

Gráfico 6 - Opinião pública sobre as Forças Armadas Canadenses (1986 - 1992)



Fonte: Pierre Martin; Michel Fortmann (1995)

Há um certo preconceito por parte das forças armadas canadenses para com aqueles que participam de operações de paz, mitigando sua importância ao invalidar seus esforços por não ser o mesmo que participar do combate no Afeganistão. Porém, por mais que a manutenção da paz não possa ser diretamente comparada às operações de combate, ela não é o mar de rosas concebido pelo ideário canadense. (CONRAD, 2011).

“Hoje, os soldados se irritam quando você os chama de mantenedores da paz. Obviamente, não estamos mantendo a paz no sul do Afeganistão. Mas existem milhares de exemplos de nossa rica história de manutenção da paz, soldados canadenses até o pescoço em combate, tiroteios de infantaria e fogo indireto que são indistinguíveis das demandas morais do sul do Afeganistão. A manutenção da paz não é o cobertor quente e felpudo sugerido por sua imagem canadense. Possui uma vida interior violenta.” (CONRAD, 2011, p. 18, tradução própria).

Nos Estados Unidos, onde a questão do impacto da opinião pública na política externa foi discutida de forma mais ampla, alguns cientistas políticos contribuíram para consolidar três proposições básicas sobre o assunto:

“(1) a opinião pública é altamente volátil e, portanto, fornece fundamentos muito duvidosos para uma política externa sólida; (2) as atitudes públicas em relação às relações exteriores são tão carentes de estrutura e coerência que podem ser melhor descritas como 'não-atitudes'; e (3) no final das contas, a opinião pública tem um impacto muito limitado na condução da política externa.” (HOLSTI, 1992 apud MARTIN; FORTMANN, 1995, pg.372, tradução própria).

Essas três proposições levam diversos especialistas a rejeitar a opinião pública para os debates sobre política externa e defesa. Mas, pelo menos no caso do Canadá, naquilo que diz

respeito à manutenção da paz, essas proposições não se fundamentam como axiomas de absoluta veracidade, pelo contrário, provam-se inverdades.

A opinião pública canadense sobre a manutenção da paz não é inerentemente volátil, ela tem uma estrutura coerente, e suas ocasionais variações ao longo dos anos podem ser entendidas como respostas razoáveis e previsíveis a eventos externos, e às mudanças nas circunstâncias da participação canadense nas operações de manutenção da paz da ONU. Um conjunto de crenças básicas comuns sobre a manutenção da paz é observado na população canadense por meio de pesquisas de opinião pública. Em geral, os canadenses têm uma visão internacionalista do mundo e são relutantes em aderir aos princípios do realismo. Eles têm uma preferência pela prevenção ou resolução de conflitos, com uma preferência distinta por meios pacíficos de intervenção. Contudo, a população canadense elegeu dois governos conservadores consecutivamente durante o período que coincide com o declínio da participação canadense nas missões de manutenção da paz da ONU.

A Opinião Pública desempenhou um papel no resgate da manutenção da paz como uma missão central na revisão da política externa de 1994. Pressionaram o governo para que retomasse seu envolvimento na Bósnia e Somália.

As questões de segurança quase nunca estão no centro dos debates políticos no Canadá. Especialistas sugerem que isso significa que o público canadense ou concorda passivamente com a política de segurança de seu governo ou simplesmente a ignora. Esse argumento pode ser verdade para uma série de questões relacionadas à segurança e à defesa, como doutrina e tecnologia militares. Entretanto, na área de manutenção da paz, a relativa quietude do público canadense reflete um consenso sólido e estável. Esse consenso se baseia em uma autoimagem específica, uma visão de mundo coerente e um conjunto de valores distintamente canadenses. É esta base que torna o apoio canadense à manutenção da paz tão duradoura.

A Opinião Pública agregada é notoriamente estável naquilo que tange casos internacionais. Quando há alguma alteração na opinião pública, ela ocorre por alguma razão razoável, ou por algum evento. (PAGE; SHAPIRO, 1992)

Isso não significa que o público esteja perfeitamente informado sobre tudo aquilo que acontece em âmbito internacional e sobre relações exteriores, de modo geral não estão. Tampouco significa que a opinião de cada cidadão mude da mesma forma racional. Benjamin Page e Robert Shapiro (1992) estão na verdade aludindo ao fato que, com as poucas informações que obtêm da mídia, redes sociais e dos formadores de opinião, a maioria do público pode contar com um conjunto de crenças fundamentais para formar uma opinião

sobre eventos internacionais. A inevitável aleatoriedade encontrada na formação e medição da opinião pública não sobrepõe ou elimina de forma alguma o fato de que a opinião pública é inerentemente estável e geralmente coerente. (MARTIN; FORTMANN, 1995)

Embora a opinião pública apoie a participação canadense nas operações de paz da ONU, não há uma considerável parte do eleitorado doméstico pressionando o governo canadense a priorizar as contribuições para com operações de paz da ONU. A pressão vem principalmente de fontes externas de influência, incluindo da ONU e aliados. (CINQ-MARS, 2017)

Os principais proponentes do aumento das contribuições canadenses para as operações de manutenção de paz da ONU são: os antigos líderes militares canadenses que serviram nessas missões de paz, como por exemplo o tenente-general aposentado e ex-senador canadense Roméo Dallaire, que teve um grande papel como comandante da Força da UNAMIR durante o genocídio de Ruanda em 1994; acadêmicos, como Walter Dorn, Roland Paris e Peggy Mason; think tanks e outras organizações não governamentais. (CINQ-MARS, 2017)

Há também aqueles que são contra tal renovação, como alguns setores da imprensa canadense e o Partido Conservador, que representa a oposição do governo atual, questionando se as operações de paz seriam de fato de interesse nacional canadense e se os militares canadenses estariam sendo usados pelo atual governo Liberal para alavancar sua candidatura a um assento não permanente no Conselho de Segurança da ONU. (CINQ-MARS, 2017)

Podemos dizer que parte da culpa da redução de contribuições canadenses para missões de paz da ONU recai sobre a opinião pública, pois há uma grande demanda há anos para que o Departamento de Defesa Nacional (DND – *Department of National Defense*) reduza gastos operacionais militares, buscando reduzir também as contribuições para com missões de paz, para mitigar os gastos. (CINQ-MARS, 2017)

## 6. PROGNÓSTICO PARA O FUTURO

Baseado em todas as informações expostas neste artigo e na opinião de diversos autores e estudiosos, podemos agora elaborar um prognóstico para o futuro da participação canadense nas missões de manutenção da paz da ONU. É difícil prever com certeza e propriedade se as contribuições canadenses continuarão decaindo, ou se finalmente haverá uma volta às origens do Canadá como o principal país mantenedor da paz.

Todos os autores consultados se mostram bastante otimistas quanto ao futuro da manutenção da paz canadense, desde que o país comece a tomar alguns comportamentos distintos e estabelecer algumas mudanças.

“O futuro ainda é brilhante, no entanto. O Canadá possui um exército profissional bem treinado e experiente, bilíngue e multidimensional. Nas mentes de muitos canadenses, o país foi e sempre será o principal *peacekeeper*.” (DORN; PAUK, 2012)

A característica bilíngue dos agentes canadenses se mostra uma ferramenta essencial para a ONU, já que a maioria (cerca de 60%) dos países e regiões para os quais as missões de manutenção da paz vão são francófonos e necessitam de tradutores e pessoas que possam se comunicar com a população local. (CINQ-MARS, 2017)

Embora a demanda do público por orçamentos de defesa reduzidos coloque pressão sobre os militares, poderíamos hipotetizar que isso reflete principalmente uma reação à associação entre o fim da Guerra Fria e a necessidade reduzida de equipamentos sofisticados e caros. (MARTIN; FORTMANN, 1995)

Na opinião de Martin e Fortmann (1995), a manutenção da paz continuará sendo parte integrante do futuro papel das forças armadas canadenses. Mas, esses dois autores escrevem em 1995, um ano antes do grande declínio nas contribuições canadenses. Provavelmente hoje eles teriam uma opinião diferente.

Para M. A. Rudderham (2008) é de extrema importância que o Canadá retome seu compromisso com missões de paz da ONU, e volte às suas origens como principal mantenedor da paz, superando os desafios manifestos à partir do pós guerra fria, com a alteração no modelo das missões de paz, e aumentando suas contribuições para com a ONU. Para o autor, não basta aumentar as contribuições de pessoal, mas é preciso fornecer também treinamento, equipamentos e que o Canadá pare de focar somente na OTAN e aumente sua participação na ONU.

Considero um grande desafio para o país retomar sua participação em tais missões, pois não há grande incentivo monetário para tal, e o incentivo moral de manter a paz mundial,

baseado nos Direitos Humanos, já é preenchido pelas pequenas contribuições atuais, e pelas contribuições para com as missões de manutenção da paz da OTAN. Portanto esse seria um grande desafio, e acredito que não se deva ficar tão otimista quanto a essa possibilidade.

Evan Cinq-Mars (2017) lista uma série de desafios e intempéries que se põe perante o Canadá e o impedem de voltar ao seu patamar de principal mantenedor da paz do mundo, ou pelo menos alcançar um patamar mais elevado no ranking da ONU. São esses: resistência por parte das forças policiais e militares; o treinamento de tropas canadenses também se mostra como um grande desafio atualmente, já que o Canadá se encontra muito atrás de outras nações na preparação para apoiar a ONU e no treinamento para operações de paz, principalmente desde que fechou o Centro Pearson de Treinamento para Manutenção da Paz (*Pearson Peacekeeping Training Centre*) em dezembro de 2013; a preocupação financeira em relação ao orçamento do Departamento de Defesa Nacional (DND); a falta de pressão pública para que o governo realize as contribuições para operações de paz da ONU, que já foi discutida na seção anterior; e o fato de que o Canadá geralmente “prioriza os compromissos de segurança continental, bem como as prioridades estratégicas de defesa e segurança por meio da OTAN, acima das operações de paz da ONU”. (CINQ-MARS, 2017, p. 5, tradução própria)

“Embora o governo Liberal tenha indicado sua intenção de fortalecer as operações de paz da ONU, a OTAN e outras coalizões multinacionais continuam sendo o principal veículo das contribuições canadenses para a paz e a segurança globais. A coerência dos objetivos estratégicos e a interoperabilidade militar com as nações parceiras da OTAN (e os EUA em particular), incluindo estruturas familiares de comando e controle e capacidades alinhadas, aumentam essa preferência entre os formuladores de políticas canadenses e a CAF.” (CINQ-MARS, 2017, p. 4 e 5, tradução própria).

As contribuições canadenses têm visto um aumento recente (Abril 2021), após terem chegado a um dos níveis mais baixos de contribuições desde a criação da primeira força de manutenção da paz (1956) em Março de 2021. (DORN, 2021) Ainda é incerto se este aumento simboliza de fato o início de um aumento significativo ou somente a volta aos patamares do fim de 2019. A segunda opção parece definitivamente mais plausível.

## 7. CONCLUSÃO

Percebemos que o Canadá teve uma importância fundamental para as missões de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas, se mostrando na vanguarda do processo, como líder desde o início das mesmas e propondo a primeira missão de paz da ONU de fato, que foi proposta pelo então ministro das relações exteriores do Canadá, Leston B. Pearson, que posteriormente acabou por se tornar primeiro ministro.

Mas há quase 3 décadas podemos perceber um padrão de declínio nas contribuições canadenses de pessoal uniformizado, tanto militares quanto policiais para as operações de manutenção da paz da ONU.

Essa progressão se inicia em meados dos anos 1990, e segue até os dias de hoje, e podemos perceber que, desde o começo do primeiro mandato do atual primeiro ministro Justin Trudeau, a situação parecia que ia mudar com as promessas em 2016 e 2017, e com as numerosas contribuições para a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para Estabilização do Mali em 2018, mas por situações adversas, em junho de 2020 o Canadá viu-se em seu patamar mais baixo de contribuições, chegando a posição 80 no ranking oficial de contribuições de pessoal para a missões de manutenção da paz da ONU, contribuindo com apenas 34 pessoas.

Percebemos também que, por mais que tenha sido uma promessa do governo Trudeau aumentar a contribuição de mulheres para missões de paz, elas permanecem as mesmas. Começaram a ver uma ascensão no início do governo de Trudeau, mas durante todo o seu primeiro mandato, o Canadá não chegou ao montante de contribuições de mulheres do governo anterior, de Stephen Harper.

Mas, por outro lado, podemos perceber que as contribuições financeiras do Canadá para com as missões de paz da ONU ainda são altas. O Canadá permanece como sendo um dos maiores contribuintes da ONU para esse aspecto, e vem desde 2000 contribuindo com aproximadamente 2,8% do montante total monetário da ONU para a manutenção da paz. E, por mais que suas contribuições tenham baixado, o Canadá segue querendo ajudar a ONU na manutenção da paz e tendo uma opinião pública massivamente a favor da manutenção da paz, o que é uma tendência que se verifica desde o começo dessas missões e que só tem aumentado.

E podemos verificar muito lobby no Canadá para que essas missões continuem e que seja aumentado o número de contribuições, mas também vemos uma pressão muito grande

para com o DND (Departamento de Defesa Nacional) para que diminua os gastos militares, e portanto diminua os gastos com missões de manutenção da paz da ONU.

Verificamos também que, apesar das contribuições do Canadá com as missões de manutenção de paz da ONU terem diminuído, suas contribuições com organizações paralelas têm aumentado, especialmente quando falamos sobre a OTAN. O Canadá vem contribuindo bastante com missões lideradas pela OTAN, mas mandadas pela ONU, o que simboliza que o Canadá ainda se preocupa com a manutenção da paz mundial, mesmo que, pelas progressões gráficas, pareça que não. Resta a incerteza de saber se as missões da OTAN podem realmente ser comparadas às missões da ONU.

Há esperança de um futuro promissor para o Canadá, naquilo que tange as missões de manutenção de paz da ONU e seu papel como o principal mantenedor da paz (*peacekeeper*), mas para tanto o país precisa mostrar mais engajamento com a ONU e se utilizar de seus pontos fortes para não só fornecer contribuições quantitativas, mas qualitativas também.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTHIAUME, Lee. **Canada's contribution to UN peacekeeping missions reaches new low under Trudeau Liberals**. Canadian Press: Toronto Star. 2017. Disponível em: <<https://www.thestar.com/news/canada/2017/10/23/canadas-contribution-to-un-peacekeeping-missions-reaches-new-low-under-trudeau-liberals.html>>. Acesso em: 27 Jun. 2021.

BROWN, Gregory Paul. **Canadian Peacekeeping During the Trudeau Years: a continuation of the "helpful fixer" tradition**. 1981. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Political Science, McMaster University, Hamilton, Ontario, 1981.

CANADA. NATIONAL DEFENSE. **Chief Military Personnel**. Disponível em: <<http://www.cmp-cpm.forces.gc.ca/>>. Acesso em: 27 maio 2019.

CANADA. ROYAL CANADIAN MOUNTED POLICE. **Peace operations**. Disponível em: <<http://www.rcmp-grc.gc.ca/en/peace-operations>>. Acesso em: 24 maio 2019.

CANADA. ROYAL CANADIAN MOUNTED POLICE. **Police Officer Careers**. Royal Canadian Mounted Police. Disponível em: <<https://www.rcmp-grc.gc.ca/en/police-officer-careers>>. Acesso em: 10 Jun. 2021.

CARROLL, Michael K. **Peacekeeping: Canada's past, but not its present and future?** International Journal, v. 71, n. 1, p. 167–176, 2016. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/44631172>>. Acesso em: 27 Jun. 2021.

CINQ-MARS, Evan. **Contributor Profile: Canada Center for Civilians in Conflict**. [s.l.]: , 2017. Disponível em: <<https://www.ipinst.org/wp-content/uploads/2020/05/Canada-profile.pdf>> Acesso em: 20 Jun. 2021.

CONRAD, John D.. **Scarce Heard Amid the Guns: An Inside Look at Canadian Peacekeeping**. Toronto: Dundurn Press. 2011.

DORN, Walter. **Canadian Peacekeeping**: No Myth - But Not What It Once Was. In: SITREP, vol. 67, no. 2. 2007.

DORN, Walter A.; PAUK, Robert. **O Capacete Azul e a Folha de Bordo**: As Contribuições do Canadá para as Operações De Paz Da Onu. In: KENKEL, Kai Michael; MORAES, Rodrigo Fracalossi de (Org.). O Brasil e as Operações de Paz em um Mundo Globalizado: Entre a Tradição e a Inovação. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 2012.

DORN, Walter. **Tracking the Promises: Canada's Contributions to UN Peacekeeping**. Walterdorn.net. Disponível em: <<https://www.walterdorn.net/256>>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

DURCH, W. J. (Org.). **The evolution of UN peacekeeping**: case studies and comparative analysis. New York: St. Martin's Press, 1993.

GAFFEN, F. **In the eye of the storm**: a history of Canadian peacekeeping. Toronto: Deneau & Wayne, 1987.

GOVERNMENT OF CANADA. **Canadian Armed Forces 101**. Canada.ca. Disponível em: <[https://www.canada.ca/en/department-national-defence/corporate/reports-publications/transit ion-materials/defence-101/2020/03/defence-101/caf-101.html](https://www.canada.ca/en/department-national-defence/corporate/reports-publications/transit-ion-materials/defence-101/2020/03/defence-101/caf-101.html)>. Acesso em: 10 Jun. 2021.

GRANATSTEIN, Jack Lawrence. **Canada and Peacekeeping**. The Canadian Encyclopedia. The Canadian Encyclopedia. Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/peacekeeping>>. Acesso em: 27 Jun. 2021.

GRANATSTEIN, Jack Lawrence. **NATO (North Atlantic Treaty Organization)**. The Canadian Encyclopedia. The Canadian Encyclopedia. Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/nato-north-atlantic-treaty-organization>>. Acesso em: 27 Jun. 2021.

JOCKEL, J. T. **Canada and international peacekeeping**. Washington: CSIS, 1994.

JUNG, K. **Of peace and power**: promoting Canadian interests through peacekeeping. Frankfurt: Peter Lang, 2009.

NATIONAL DEFENCE. **Pledges**. Canada.ca. 2017. Disponível em: <<https://www.canada.ca/en/department-national-defence/campaigns/peacekeeping-defence-ministerial/pledges.html>>. Acesso em: 26 Jun. 2021.

NATIONAL DEFENCE. **United Nations Disengagement Observer Force (UNDOF)**. Canada.ca. Government of Canada. 2019. Disponível em: <<https://www.canada.ca/en/department-national-defence/services/military-history/history-heritage/past-operations/middle-east/gladius.html>>. Acesso em: 14 Jul. 2021.

NOBEL PRIZE. **The Nobel Peace Prize 1988**. NobelPrize.org. Nobel Media AB 2019. 2019. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1988/press-release/>> Acesso em: 27 maio 2019.

MARTIN, Pierre ; FORTMANN, Michel, **Canadian Public Opinion and Peacekeeping in a Turbulent World**, International Journal: Canada's Journal of Global Policy Analysis, v. 50, n. 2, p. 370–400, 1995.

MISSION JUSTICE (UK). **WHAT IS PEACEKEEPING?** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.mission-justice.org/what-is-peacekeeping.html>>. Acesso em: 20 maio 2019.

PAGE, Benjamin I.; SHAPIRO, Robert Y. **The Rational Public**: Fifty Years of Trends in American Policy Preferences. Chicago: University of Chicago Press. 1992.

POCUCH, Sedrik. **The Fall of Canadian Peacekeeping: Should It Be Revived?** NATO ASSOCIATION OF CANADA (NAOC). 2019. Disponível em: <<https://natoassociation.ca/the-fall-of-canadian-peacekeeping-should-it-be-revived/>>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

RUDDERHAM, M. A. **Canada and United Nations Peace Operations**: Challenges, Opportunities, and Canada's Response. In: International Journal, v. 63, n. 2, p. 359–384, 2008. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40204368?seq=1>>. Acesso em: 20 Mai. 2021.

UNITED NATIONS. **Declaration of Shared Commitments on UN Peacekeeping Operations.** [s.l.]: , 2018. Disponível em: <<https://peacekeeping.un.org/sites/default/files/a4p-declaration-en.pdf>>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

UNITED NATIONS. **How we are funded.** United Nations Peacekeeping. 2021. Disponível em: <<https://peacekeeping.un.org/en/how-we-are-funded>>. Acesso em: 19 Jul. 2021.

UNITED NATIONS. **Secretary-General's Initiative on Action for Peacekeeping.** Un.org. 2018. Disponível em: <<https://www.un.org/en/A4P/>>. Acesso em: 27 Jun. 2021.

UNITED NATIONS. **Troop and Police Contributions.** United Nations Peacekeeping. 2021. Disponível em: <<https://peacekeeping.un.org/en/data-troop-and-police-contributions>>. Acesso em: 27 Jun. 2021.

UNITED NATIONS. **United Nations Peacekeeping.** [s.d.]. Disponível em: <<https://peacekeeping.un.org/en/>>. Acesso em: 24 maio 2019.

UNITED NATIONS. **United Nations Peacekeeping Forces: The Nobel Peace Prize for 1988.** [s.d.]. Disponível em: <<https://www.un.org/en/sections/nobel-peace-prize/united-nations-peacekeeping-forces/index.html>>. Acesso em: 25 maio 2019.

UNITED NATIONS. **United Nations Peacekeeping Operations: Principles and Guidelines.** New York: United Nations, 2008.